

Crianças do Timor Leste observam um helicóptero retirando carga de uma praia em Dili para a UNTAET, forças da ONU de apoio à administração transitória em Timor Leste. (2000)

Arquivo de imagens da CP: Ed Wray

Um novo conceito: Segurança da população

Novas realidades mundiais

Em seu relatório para a Assembléia do Milênio e Cúpula da ONU, o secretário-geral Kofi Annan expôs um dos maiores paradoxos da nossa era: enquanto o mundo adentra o 55º ano sem guerra entre as maiores potências - o período mais longo em toda a história do sistema moderno dos estados - milhões de pessoas ainda vivem em situações muito perigosas.

O fim da Guerra Fria foi recebido como o início de uma era de paz e prosperidade, a virada que possibilitaria ao mundo concentrar-se em problemas como o subdesenvolvimento, a pobreza e o meio ambiente. Entretanto, a realidade dos últimos dez anos é mais grave. Ainda que a segurança dos estados do mundo tenha melhorado, a segurança de seus povos sofreu um declínio.

Os conflitos armados, particularmente, tornaram-se mais violentos e mortais, e costumam ser causados por descórdias religiosas ou étnicas. Ainda que o número de conflitos armados entre os estados tenha diminuído nos últimos 25 anos, o número de conflitos internos aumentou. Dos 108 conflitos armados que ocorreram desde o final da Guerra Fria, 101 deles foram travados internamente, e não entre estados. As crises ocorridas nas regiões dos Grandes Lagos da África, na Bósnia e no Kosovo, no Timor Leste, em Angola e em Serra Leoa constituem apenas alguns dos exemplos mais conhecidos entre os vários conflitos de consequências trágicas para as populações atingidas.

As populações civis tornam-se cada vez mais os principais alvos e instrumentos destas guerras modernas. São elas que pagam o maior preço, sofrendo desproporcionalmente em decorrência do aumento dos conflitos civis, dos abusos perpetrados por estados agressivos ou pela impotência dos estados mais fracos, e das novas práticas de guerra - o uso deplorável de crianças-soldados, a ação selvagem de facções rebeldes e paramilitares, e o uso de armas baratas e de fácil obtenção como minas terrestres, armas pequenas e armamentos militares leves. O número de vítimas de conflitos armados dobrou nos últimos dez anos, chegando a um milhão de mortes por ano. Durante a Primeira Guerra Mundial, a morte de civis correspondia a apenas 10 por cento do número de baixas, ao passo que atualmente a proporção corresponde a cerca de 80 por cento.

Entretanto, as ameaças à segurança da população não se limitam apenas a situações de conflitos armados. Fenômenos transnacionais, como o terrorismo, o crime internacional e o tráfico de armas pequenas, drogas e até mesmo de pessoas, colocam todos nós em risco. Apesar de todas as suas promessas, a globalização mostra um lado sombrio que nos obriga a repensar a questão da segurança e desenvolver novas abordagens para lidar com o problema.

Uma nova abordagem à segurança

O compromisso do Canadá para com a segurança humana é uma resposta a estas novas realidades mundiais.

A segurança humana baseia-se na segurança da população. Isto representa uma mudança importante e necessária no que diz respeito às relações internacionais e os assuntos mundiais que, por muito tempo, têm considerado a segurança do estado o aspecto mais importante. Quando se inclui a segurança da população na questão da segurança humana, esta passa a abranger uma vasta gama de abordagens na busca de solução ao problema do conflito armado, compreendendo iniciativas de prevenção,